



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Dossiê: A crítica nos estudos russos: entre teoria e prática social

Dossier: Criticism in Russian Studies: Between Theory and Social Practice

Autores: Rodrigo Alves do Nascimento
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil
Priscila Nascimento Marques
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Edição: RUS, Vol. 14. Nº 25
Publicação: Novembro de 2023

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2023.219292>

NASCIMENTO, Rodrigo Alves, MARQUES, Priscila Nascimento (orgs.)
Dossiê: A crítica nos estudos russos: entre teoria e prática social.
RUS, São Paulo, v. 14, n. 25, pp. 6-12, 2023



Dossiê:

A crítica nos estudos russos: entre teoria e prática social

Priscila Nascimento Marques* e
Rodrigo Alves do Nascimento**
(org.)

Para muitos, um começo de conversa sobre *crítica literária* talvez devesse partir de uma definição do que ela seja. No entanto, isso apagaria o fato de que a própria prática crítica se constitui a partir da participação e da responsabilidade daquele que a exerce. O sujeito social se imprime na crítica e, por isso mesmo, define seus contornos e seu alcance. Desse modo, mais do que engessar uma definição pretensamente objetiva, torna-se mais produtivo compreender a crítica a partir de seus movimentos concretos, do reconhecimento de seus pontos de tensão e de suas contradições dentro dos diferentes momentos históricos e tradições.

Ao mesmo tempo, é forçoso reconhecer que qualquer gesto em direção a uma tradição ou época parte de algum tipo de diagnóstico sobre o nosso presente. Para nós, brasileiros, durante boa parte do século XX, a crítica literária foi praticada na imprensa, nos suplementos literários e nas revistas, imbuindo-se de uma função social “formativa” na esfera pública, que implicava também em colocar-se como porta-voz ainda que restrita de uma determinada visão de cultura e de nação. Essa

* Professora de russo da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Realizou estágio de pós-doutorado no mesmo programa com período BEPE na Freie Universität Berlin. <http://lattes.cnpq.br/8746812719264410>; <https://orcid.org/0000-0002-7111-6372>. E-mail: priscilamarques@letras.ufrj.br.

** Professor adjunto de Teoria da Literatura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Mestre e doutor em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É crítico de teatro do site Cena Aberta, membro da Associação Internacional de Críticos de Teatro (AICT) e autor de "Tchékhov e os palcos brasileiros" (Ed. Perspectiva/FAPESP, 2018). <http://lattes.cnpq.br/4737593366212828>; <https://orcid.org/0000-0001-7130-0981>. E-mail: alvesr@ufba.br

crítica pública, não é exagero reconhecer, não existe mais. Em primeiro lugar, porque nos meios de comunicação de massa ela está cada vez mais enxuta e reduzida às demandas imediatas de um leitor-consumidor; em segundo, porque a crítica que se entrincheirou nas universidades se credita rigorosa e menos sujeita às pressões de mercado, mas não necessariamente preocupada com as demandas do tempo em que se insere. O ambiente da internet e das redes sociais, por sua vez, é relativamente recente; mas um dado que parece evidente é que a abundância dispersiva de informações e de estímulos tem transformado radicalmente as práticas de leitura; estas, por seu turno, parecem pouco afins a um tipo de atividade crítica que demanda, antes de mais nada, um mergulho vertical ou desacelerado no objeto.

Diante deste quadro, a situação não parece nada confortável para a atividade crítica.¹ No entanto, é a partir dela e, talvez, justamente por ela, que fomos motivados a compor este Dossiê. Historicamente, sabemos que muitos escritores e intelectuais brasileiros e latino-americanos miraram a experiência russa dos séculos XIX e XX com vivo interesse. Dados os impasses específicos daquela formação social e cultural – oriundos em larga medida de sua condição periférica –, muito da literatura e do pensamento ali produzidos pareciam colocar a Rússia numa posição de referência, em que a condição de margem se tornava, a um só tempo, dado problemático e produtivo. E a crítica russa, por mais central que tenha sido o papel dos escritores ao longo dos séculos XIX e XX, cumpriu uma função de base da qual emergiam as principais representações da nação. Isso colocava o crítico e suas *questões malditas (prokliátje vopróssy)*, ainda que muitas vezes assombradas pela presença permanente da censura, numa posição de “voz interpretativa autorizada da história e da cultura”.²

Em grande medida cultivada nas “revistas grossas”, a tradição da *publitsística* (um tipo de prática associada especificamente

1 Para não falarmos da relação algo problemática entre Teoria e crítica e mesmo das premissas éticas que hoje com frequência se interpõem e definem de antemão o sentido da crítica – pontos que, como veremos, serão discutidos por Fabio Akcelrud Durão na entrevista que compõe este Dossiê.

2 GOMIDE, Bruno Barretto. Apresentação. In: *Antologia do Pensamento Crítico Russo (1802-1901)*. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 7.

ao jornalismo), estava no centro da instituição sociocultural da crítica. Devido ao papel particular da literatura de informar e intervir política e socialmente, ela se tornou uma plataforma alinhada ao que, na Europa, a definiu como parte de um sistema público de intercâmbio de opiniões. Como parte do projeto Iluminista, serviu explicitamente como instrumento da classe média para a democratização, liberalização e secularização das estruturas hierárquicas do absolutismo.

Se esta foi uma das tendências mais contundentes de parte do século XIX (ainda que as polêmicas entre ocidentalistas e eslavófilos na Rússia, por exemplo, não permitam o enquadramento estrito), esse cenário serviu de base e, ao mesmo tempo, foi alterado significativamente no período soviético. Como bem apontam Galin Tihanov e Evgeny Dobrenko, o *status* particular do “político” após a Revolução Russa fez com que “*tudo* fosse despolitizado e politizado ao mesmo tempo; *tudo*, da estética à economia, mudou de uma *fonte* de poder para um *condutor* de poder”.³

Além disso, é também nesse contexto de inícios do século XX que se planta uma das questões que, ainda hoje, suscita debates: como se dá a interrelação entre teoria literária e crítica literária? O caso russo guarda particular interesse porque, como berço da moderna Teoria da Literatura, o país abrigou teóricos que colocam no centro da discussão a autonomia do objeto literário, bem como as condições de possibilidade da crítica. Os Formalistas Russos propunham:

[...] um tipo de abordagem científica e objetiva, com descrição pormenorizada dos componentes da obra, insistindo sempre no caráter autotélico desta linguagem, de modo que o diálogo com qualquer outra disciplina ofuscaria uma correta apreensão do fenômeno literário. Ao fazê-lo, galgaram um nível de abstração conceitual inédito nos estudos literários, tornando-se um dos flancos mais vigorosos do movimento de racionalização da teoria e das artes no século XX. Por isso mesmo, tal empreitada está repleta de impasses. Um dos principais se dá na sua obtusa relação com a questão do valor – aspecto essencial do trabalho crítico. [...]

3 DOBRENKO, Evgeny; TIHANOV, Galin. Introduction: Toward a History of Soviet and Post-Soviet Literary Theory and Criticism. In: *A History of Russian Literary Theory and Criticism*. Pittsburg: University of Pittsburg Press, 2011, p. xi.

A despeito de proporem a fundação de uma ciência objetiva, os formalistas revelam em suas definições uma afinidade, por vezes até militante, com as expressões poéticas de vanguarda. Ou seja, a ambição de cientificidade se chocou com a inevitabilidade da valoração estética.⁴

Trata-se, como vimos, de um contexto de enunciação rico que, revisitado hoje, permite o acesso a *insights* críticos vibrantes, bem como a formulações que continuam reverberando nos estudos literários. Além disso, no contexto brasileiro, só recentemente se tem buscado suprir a lacuna de textos sobre história da crítica russa, como o provam a *Antologia do Pensamento Crítico Russo*, organizada por Bruno Barretto Gomide e publicada em 2013 pela Editora 34. Por isso, neste dossiê, trazemos artigos, ensaios, traduções de críticas e uma entrevista, de pesquisadores do Brasil e do exterior, que visam a adensar esse cenário.

No artigo “Notes From the Underground, or why were Russian Formalism and Structuralism Resisted by Soviet Non-Marxist Intellectuals”, de Galin Tihanov (Queen Mary – University of London), o professor e pesquisador apresenta uma dimensão ainda pouco debatida do que ele denomina “resistência soviética à teoria”. A partir de três estudos de caso, demonstra como uma corrente crítica alheia ao marxismo revelou uma inesperada cumplicidade com a própria ideologia oficial de Estado ao combater as formulações dos teóricos formalistas e estruturalistas.

Já no artigo “Russian Civic Criticism and the Idyllic Dream in Ivan Goncharov’s ‘Oblomov’”, de Cassio de Oliveira (Portland State University), o pesquisador e professor problematiza – a partir do cronotopo do idílio – as consagradas críticas de Nikolai Dobroliúbov e de Dmítri Píssariev do romance *Oblómov* (1859), de Ivan Gontcharóv, nas quais concebiam a letargia do protagonista do romance como um produto de época. Quanto ao texto “Crítica e gênese de Evguiêni Oniéguin nas cartas de Aleksandr Púchkin”, da pesquisadora Gabriella de Oliveira Silva (UFRJ), ela analisa como uma parte expressiva

4 MARQUES, Priscila Nascimento; NASCIMENTO, Rodrigo Alves do. “A crítica se surpreende, a ciência compreende”: os impasses da crítica literária no formalismo russo. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 23, n. 42, p. 90-106, jan.-abr., 2021

da correspondência do poeta Aleksandr Púchkin, sobretudo aquela do período de produção de *Evguiêni Oniéguin* (1833), possui uma dimensão inescapavelmente crítica, oferecendo, ao mesmo tempo, *insights* iluminadores sobre a visão do poeta sobre a literatura e mesmo sobre o ofício crítico.

Em seguida, trazemos o ensaio “Poética histórica entre Rússia e Ocidente: por um modelo não linear de história da literatura e de ontologia social”, de Ilya Kliger (New York University), originalmente publicado na revista *Poetics Today* e traduzido por Priscila Nascimento Marques. Nele, o professor e pesquisador realiza uma arrojada articulação da tradição russa da Poética Histórica (especialmente de Aleksandr Vesselóvski, Viktor Jirmúnski, Mikhail Bakhtin e do Formalismo Russo) e do marxismo ocidental (especialmente Georg Lukács, Walter Benjamin e Fredric Jameson) para pensar o modo pelo qual elas elaboraram o problema da persistência das formas literárias. Segundo ele, “o foco é na problemática central do paradigma: uma tentativa de construir uma história universal das formas literárias em sua relação com as condições sociais – e os modos – de sua produção com base em certo entendimento da vitalidade do passado e da mobilidade no presente.”

Na seção “Traduções e Entrevista” do dossiê, apresentamos a tradução de “Poetas russos em português”, resenha escrita pelo poeta russo emigrado Valéri Pereléchin, que chegou ao Brasil em 1953. A resenha, publicada originalmente no periódico *A nova palavra russa (Nóvoie rússkoie slóvo)* em 20 de agosto de 1972, traz o ponto de vista do poeta sobre a já consagrada antologia *Poesia russa moderna* organizada e traduzida por Boris Schnaiderman, Augusto e Haroldo de Campos em 1968. A tradução é seguida de comentário crítico do próprio tradutor e pesquisador Rafael Bonavina (USP).

Por fim, trazemos a entrevista “Dando voltas para frente: teoria e crítica hoje”, que realizamos com o professor titular de teoria da literatura da Unicamp, Fabio Akcelrud Durão. Nela, conversamos sobre as condições de possibilidade da crítica literária hoje, a necessária (e problemática) relação entre teoria e crítica, formas de exercitar a crítica no ambiente escolar, dentre outros tópicos. A entrevista, recheada de formulações provocadoras, fecha de maneira instigante o Dossiê, pois



revisita questões que mobilizaram muitos dos escritores e críticos russos aqui discutidos.

Ao reunir estes textos, esperamos dar uma medida de como uma tradição crítica tão vigorosa quanto a russa ainda continua a produzir questões fundamentais para a reflexão contemporânea sobre crítica, teoria e literatura.

Boa leitura!